ANNO 9.º — Sexta-feira, 5 de Janeiro de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 454

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

—(*)—

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—**Aveiro**

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Portugal!

—(*)—

Foi no dia 30 de maio de 1808 que os primeiros soldados da *Legião Portugueza* pisaram a terra de França. Napoleão, em cujas mãos Carlos IV acabava de depôr, como uma joia, a corôa real das Hespanhas, esperava os portuguezes em Bayonna com toda a sôrte imperial. A primeira tropa a chegar foi o bravo regimento de infanteria 1, que um ano depois se cobriu de gloria em Wagram, e que na tarde heroica de Smolensko, com as baionetas negras de sangue e de polvora, havia de espantar a bravura de Ney. Comandava-o o elegante Antonio de Saldanha, da casa da Ega; conduziam-n'o os chefes de batalhão Caldeira e Candido José Xavier. Nem um soldado desertára em Valhadolid e em Burgos; o regimento, intacto, marchava na sua maxima força.

—Vamos vêr as francezas, rapazes!—tinha-lhes gritado o coronel, sobre a ponte de barcas do Bidassôa, o punho de prata do espadim a faiscar-lhe na mão.

E eles lá foram, negros, risonhos, contentes, tisnados do sol, ferrolhando armas, chocalhando patronas, enquanto na chuva de ouro da manhã a ilha verde dos Faizões resplandecia, e os sinos alegres de Fuenterrabia, ao longe, tilintavam para a missa. Onde iam eles? Porque marchavam? Que destino os esperava na terra de França? Sabiam-n'o lá! Mas fitassem-n'os, encarassem-n'os um a um,—e em todas aquelas faces queimadas, em todos aqueles olhos ardentes, fulgiria, como uma labareda, o vago instincto de que caminhavam para a gloria. Iam vêr Napoleão. Iam conhecer o titan.

Depois duma marcha de tres leguas feita a cantar, com as espingardas cheias de flôres, o bravo regimento de Antonio de Saldanha chegou a S. João da Luz. Na manhã seguinte, um ajudante de ordens de Pamplona, a galope, mandou-o avançar. Nessa mesma tarde, envoltas numa nuvem de poeira, as baionetas lampejando, as chapas de cobre das barretinas faiscando ao sol, os tambores roucos de bater a marcha, as tropas portuguezas de infanteria 1, chegadas enfim a Bayonna, passavam em continencia diante de Napoleão. O Imperador, que descera do palacio de Marrac para as vêr, sorria-lhes, imovel, embrulhado no seu capote cinzento de *petit-caporal*, entre uma onda de marechaes emplumados e cobertos de ouro—Ney, Murat, Davoust, Bessières, Alorna, Pamplona. A' vista desses dois batalhões pardos de saragoça, cerrados, energicos, pequenos, batendo as abas das nizas como carochas, um frémito de comoção passou na alma do povo, e duas mil, tres mil bocas francezas gritaram, uivaram, aclamaram:

— Portugal! Portugal!

Os garotos marchavam-lhes á frente; das janelas atiravam-lhes flôres; no seu côche, a imperatriz Josefina acenava-lhes com o leque, e os galuchos portuguêses, com as lagrimas nos olhos, cheios ao mesmo tempo do orgulho e da mágua de serem tão poucos, repetiam, doidos de entusiasmo, levantando as barretinas na ponta das baionetas:

— Portugal! Portugal!

Não seriam mais de quinhentos soldados — e tinham alvoroçado Bayonna. Daí a pouco, Napoleão passava-lhes revista em fórma. Compunha-lhes pela sua mão as bandoleiras brancas das patronas e as alabardas lampejantes dos sargentos; convidava os oficiaes para jantarem á sua meza. E á noite, uma noite quente e perfumada de junho, os jardins do palacio que dias antes vira abdicar Carlos IV de Espanha, foram abertos em festa aos soldados portuguêses. Nas varandas iluminadas, a côrte imperial assomou. Encheram-se de gente as largas alamedas de faunos e de murta. E emquanto, ao luár, os galuchos da Extremadura e da Beira, negros, risonhos, abraçados a violas enormes, cantavam as chulas, os lunduns e as modinhas da sua terra, Josefina Beauharnais, com os olhos brilhantes de lagrimas, a face apoiada á mão cheia de joias, dizia encantada a Antonio de Saldanha:

— *Oh, que j'aime ces gavottes portugaises!* — e em baixo todo o povo, rodeando os soldados, interrogando-os, aplaudindo-os, abraçando-os, pegando-lhes ao colo, rindo e chorando com eles, gritava, ululava em delirio, no seu sotaque vasconço, como um presagio de gloria:

— Portugal! Portugal!

Tinham cantado bem em Bayonna: haviam de morrer melhor em Wagram!

Pois bem. Sobre o dia 30 de maio de 1808, um seculo passou. Sobre esse seculo, mais oito anos lentos, tragicos, dolorosos. De novo os nossos soldados entram, sorrindo, em Paris; de novo as rosas de França vão florir em espingardas portuguêsas; de novo o mesmo clarão de epopeia envolve o nosso nome—e hoje, cento e oito anos depois, é ainda o mesmo grito heroico que se ouve ao longe, como se o erguessem milhares de espectros:

— Portugal! Portugal!

Julio Dantas

Films...

Morreu!

Não faz a coisa por menos, o nosso colléga *A Montanha*, que, aludindo num dos seus numeros transatos ao que ultimamente se passou no Congresso entre dois politicos em evidencia, escreve:

> Podemos afirmar sem receio de desmentido, que o discurso pronunciado na Câmara dos Deputados pelo ilustre presidente do ministério, sr. dr. Antonio José de Almeida, executando politicamente o chefe da patrulha unionista sr. Brito Camacho, causou a mais viva impressão na opinião publica.
>
> O caso tem sido o assunto de todas as conversações e a opinião de toda a gente de bom senso, das pessoas que não se encontram obcecadas por mesquinhas paixões, é a de que o sr. Camacho ficou liquidado de vez, politicamente.
>
> Dizia-nos ontem um amigo, pessoa de juizo equilibrado e de viva inteligencia:
>
> — O Camacho liquidou definitivamente. Se depois do que se passou, ele volta a ser alguem na politica portugueza, então é porque já não ha vergonha neste pais e tudo está perdido.
>
> Concordamos.

Sômos afinal tres a concordar: a *pessoa de juizo equilibrado* que concedeu ao jornal portuense a sua opinião, a *Montanha* e nós. Só resta saber quem mais tarde hade zurzir os desvergonhados...

Joffre

Em reconhecimento dos extraordinarios serviços prestados pelo general Joffre nos campos de batalha a favor do seu país, o govêrno francês resolveu eleva-lo á dignidade de marechal de França em decreto submetido á ratificação das câmaras e que estas recentemente aprovaram.

Segundo as mais autorisadas opiniões o titulo honorifico de Joffre é suficiente para tornar o seu nome imortal. Quando chegar o momento de se escrever a historia definitiva da actual guerra, a vitória do Marne ficará gravada como episodio capital da série imensa de operações militares e então se verá que foi devido a Joffre que se quebrou a grande força alemã, tornando-se o distintissimo oficial não só digno da sua missão como da França que lhe confiou a defêsa do seu territorio.

Por isso a glorificação de Joffre tem a aplaudi-la todo o mundo que anceia pelo triunfo dos aliados.

NA COSTA D'AVEIRO

—(*)—

A acção dos submarinos alemães

Cêrca das 14 horas e a umas 40 milhas da nossa costa, foi na terça-feira surpreendido por um submarino boche, que o torpedeou, afundando-o, o vapor de carga norueguês *Britanic*, que de Almeria se dirigia a Liverpool com carregamento de mineral.

A tripulação, composta de 21 homens, incluindo o capitão, foi salva pelo vapor da mesma nacionalidade *Morild*, que a conduziu a Leixões, onde alguns tripulantes deram conta doutro ataque feito momentos antes a um navio inglês, que passava perto e se salvou devido á grande velocidade de que era dotado.

Á ANTIGA

No *Diario de Noticias*, de 31 de dezembro, deparámos com o seguinte anuncio:

100 libras em ouro

A quem conseguir para um cavalheiro fino e ilustrado, que frequentou a Universidade de Lisboa, um emprego garantido em Lisboa com o vencimento mensal á roda de 60 escudos. Nada se adianta sobre a recompensa, que será entregue imediatamente á nomeação do requerente. Garante-se debaixo de palavra de honra o silencio, que interessa a ambas as partes. Carta á agencia de anuncios, R. do Ouro, 39, a C. Q., 29.

Quando se faz um anuncio destes é porque se conhece quem o possa satisfazer.

Campeia a imoralidade em toda a sua plenitude!

Se até ha *republicanos* bem perto de nós, que se encarregam de preparar casamentos em Espanha quando os nubentes não teem a idade exigida pelas leis portuguêsas!...

Cem librinhas em ouro!!!

Estás a vêr: só se os agentes de Aveiro as não puderem ganhar...

Generosidade

—(*)—

A imprensa de Buenos-Aires, dá-nos conta do seguinte facto digno de registo:

> O sr. Hippolyto Irigoyen, presidente da Republica, resolveu concorrer em auxilio da Sociedade de Beneficencia, a favor da qual desistiu de seus vencimentos, entregando destes, mensalmente, uma parte ao chefe da policia para reparti-la entre as familias que mais precisem de auxilio, devido á crise do trabalho. A directoria da Sociedade fixou em 5:000 pesos a quantia que deverá ser entregue, mensalmente, ao chefe da policia, que fará essa distribuição, sob o maximo escrupulo, nos bairros onde vive a população mais necessitada.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

MOTIM

Deve por toda esta semana ficar concluido o processo instaurado pela Capitanía do porto contra os cabeças de motim e outros responsaveis pelos acontecimentos de Salreu, que aqui tiveram largo relato.

Estão já detidos nos calabouços do quartel de cavalaria uns nove individuos, faltando ainda capturar alguns e entre eles um dos mais responsaveis incitadores do povo contra a força armada.

Não se lembraram a tempo que toda a medalha tem o seu reverso...

A ILUMINAÇÃO

Começou a vigorar na terça-feira um decreto do govêrno pelo qual todos os estabelecimentos são obrigados a fechar ás 19 horas e os cafés, restaurantes, tabernas, casas de leilões, teatros e cinematografos ás 23 horas, isto baseado na economia de gaz que se torna necessario fazer em vista da falta de carvão, cada vez mais sensivel e que não póde ser suprida enquanto durar a guerra, taes os embaraços que ela trouxe á navegação.

O aspecto da cidade é, como facilmente se calcula, desolador depois daquela hora.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Reunião importante

No n.º de sabado, 23 de dezembro, da *Independencia d'Agueda*, jornal filiado no Partido Republicano Português, de que é redactor principal Eugenio Ribeiro (medico), actual governador civil do distrito, deparamos na 2.ª pagina, 5.ª coluna, com o seguinte, que textualmente reproduzimos sob o mesmo titulo que serve de epigrafe:

> *Os governadores civis efectivo e substiiuto do distrito, com os deputados e senadores democraticos dos dois circulos, tiveram na ultima terça-feira, em Lisboa, numa sala do Congresso, uma larga conferencia com o snr. dr. Afonso Costa, versando assuntos do maior interesse para o nosso distrito. Aquele estadista ouviu com evidente interesse as comunicações que lhe eram feitas e providenciará na medida do possivel. Prometeu tambem sua ex.ª uma visita ao distrito logo que as circunstancias da politica interna e internacional o permitam.*

Como o leitor naturalmente se recorda, houve, em Aveiro, uma reunião de alguns individuos, *velhos* e *sinceros* democraticos, á qual presidiu o sr. Samuel Maia, resultando desse conclave o proposito de uma determinada comissão ir a Lisboa transmitir ao snr. dr. Afonso Costa as impressões tendentes a evidenciar a necessidade da politica enveredar por outro caminho, especialmente na parte respeitante a este distrito.

Desde então nem o *orgão do P. R. P.*, nem o seu prestigioso colléga e velho camarada local, o *Camaleão*, unicos *autenticos* e *autorisadissimos* jornaes republicanos, nos deram conta de quaisquer trabalhos-resultantes daquela famosa deliberação que certamente tanto prestigio, força e influencia trará aos seus iniciadores.

A local que acima reproduzimos apenas nos diz que na larga conferencia havida estiveram, idos daqui, os governadores civis efectivo e substituto, estabelecendo-se por isso no nosso espirito a duvida se ela foi, de facto, o resultado da resolução tomada na reunião referida ou se obedece a outras quaesquer razões independentes de aquelas que primeiramente orientaram os grandes e desinteressados patriotas.

Como quer que seja, o laconismo da noticia deixa-nos, como a toda a gente, imersos na maior obscuridade, impossibilitados assim de referir e salientar o valor de tão grande acontecimento que se prendeu absoluta e intimamente *com assuntos do maior interesse para o nosso distrito*.

E' certo tambem que não atinamos com as razões que obrigaram o autor de tão agradavel e importante comunicação a restringi-la em tão diminutissimo numero de palavras, que a todos deixa absolutamente na mais completa ignorancia.

Tratando-se de *assuntos do maior interesse para o nosso distrito* que o sr. Afonso Costa *ouviu com evidente interesse, prometendo providenciar na medida do possivel*, assuntos por certo os mais sérios e do maximo alcance e valor, perguntamos a nós mesmos quais sejam as razões que obrigam a cerca-los de tão impenetravel e misterioso silencio com o ilustre ministro das Finanças, que chegou

O naufragio do "Desertas,,

1. Sobre as areias da Costa Nova continua imovel o grande vapor ex-alemão dado á costa em 19 de novembro do ano findo.—2. No convez e da esquerda para a direita: José Domingos da Rosa, imediato; José Guerreiro Jorge, comandante; Antonio Gomes Ferreira, 1.º maquinista e Belmiro Fernandes Moraes, 2.º piloto.

até a prometer, logo que tenha vagar e tempo, uma visita ao distrito de Aveiro.

Não atinamos com essas razões, repetimos.

Parece-nos que todos tinhamos e temos o direito de saber do que se tratou, conhecendo assim dos beneficios e melhoramentos importantes que estão para cair sobre nós como orvalho benéfico e salutar e bem assim os nomes dos que ficam com direito á nossa eterna gratidão para os indicarmos aos vindouros, como autenticos benemeritos e verdadeiros patriotas, dignos de figurar ao lado dos mais devotados defensores dos interesses desta terra.

Porque se evita, pois, que os povos do distrito ignorem os beneficios e melhoramentos importantes que o sr. Afonso Costa nos vai conceder, a pedido instante dos seus correligionarios?

Para que se demora e guarda, envolvido em tão profundo misterio, a explicação do que, em todos os tempos se disse com a maior presteza, levando a alegria a todos quantos, amando a sua terra, se satisfazem com as medidas que traduzem a satisfação de verem realisados melhoramentos e progressos que constituam justificadas aspirações?

Assim, com tal silencio, nem sabemos se o chefe do distrito ou alguem por ele, expôz ao snr. dr. Afonso Costa a necessidade absoluta de inaugurar-se uma nova época de moralidade politica nesta região onde ha funcionarios que acumulam e desempenham ao mesmo tempo quatro logares publicos, auferindo *modestamente* os honorarios de todos eles; onde outros continuam recebendo determinada importancia por desempenho de serviços que foram extintos, facto agravado com o descaramento inauditamente indecente de se tentar em publico justificar tal escandalo; onde o governador civil se arvorou em medico, nas reinspecções, dentro do seu proprio distrito; onde havendo referencias claras a casos gráves que implicam o desvio de objectos de valor, pertencentes ao Estado, a autoridade não lê, não ouve, nem sabe; onde a toda a hora e todos os dias se salientam factos que, sem sombra de duvida, sobejamente demonstram que acima da moralidade, do prestigio e da dignidade do regimen, se colocam os interesses mesquinhos e a barriga de quantos, sem vergonha e sem brio, se bandearam para os que desde sempre teem confortado o estomago e enchido o bolso á custa das maiores e mais indignas baixesas.

Com tal silencio nada sabemos, ignorando tudo.

Falem, falem. Expliquem-se e acabem com este martirio que tortura uma população inteira...

CRIME DE MORTE

A's autoridades locaes veio no dia 1 apresentar-se voluntariamente o ferreiro da Gafanha, João da Silva Rei, que declarou ter assassinado com uma navalhada no ventre o seu conterraneo Joaquim Fernandes Cardoso, o *Gramata*, com quem andava desavindo e depois deste o ter provocado numa taberna proxima ao sitio onde teve logar a ocorrencia.

Foi levantado o respectivo auto, recolhendo em seguida o assassino á cadeia.

Notas mundanas

Com sua esposa esteve em Aveiro e Alquerubim, de visita aos seus, o nosso presado amigo e colaborador, Humberto Beça.

✠ *Consorciou se em Ilhavo, sua terra natal, com a sr.ª D. Maria dos Prazeres Vieira Namorado, professora diplomada pela escola de Aveiro e uma das mais gentis meninas do proximo concelho, o sr. Armando Simões Teles, que em Loanda, onde gosa das maiores simpatias, tem exercido tambem o magisterio com subida competencia desde que para ali foi despachado.*

Aos nubentes todas as felicidades de que são dignos.

✠ *Esteve nesta cidade e deu-nos a honra dos seus cumprimentos, o snr. José de Almeida Novo, da Veiga, que dentro em bréve tenciona ausentar-se para os E. U. do Brazil.*

✠ *Vindo de Manaus chegou á sua casa da Murtosa o snr. Higino Silva, sobrinho do snr. Domingos de Matos, antigo assinante do* Democrata.

✠ *Fez anos no dia primeiro a esposa do sr. Julio Diniz.*

✠ *Com a sr.ª D. Adozinda Santos Cardoso consorciou-se ha dias o snr. dr. Simão José, senador e delegado do Procurador da Republica em Moimenta da Beira.*

Os nossos votos pela felicidade do novo lar.

✠ *Tambem teve logar o enlace matrimonial da snr.ª D. Maria da Conceição Vieira, natural de Vilar e professora diplomada, com o sr. dr. Inocencio Rangel, advogado em Vagos.*

✠ *Estiveram nesta cidade os srs. Adelino Ferreira Pinhal e Luiz Apolonio da Silva, da Palhaça, e a passar as férias do Natal com sua familia o digno escrivão de direito em Anadia, sr. Pompeu da Naia e Silva, sua esposa e filhos.*

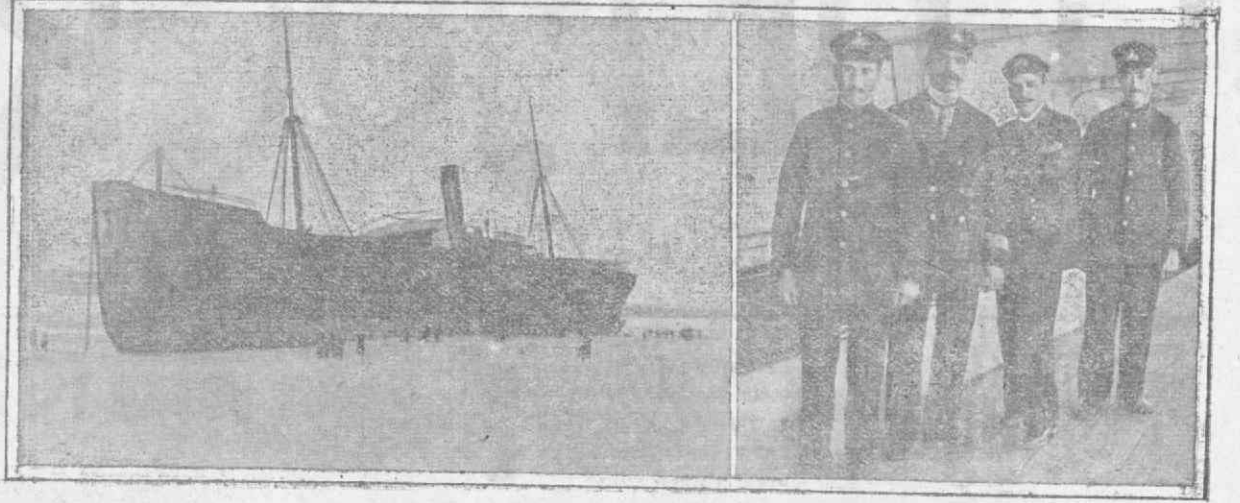
As retretes

Chega-nos sobre as obras que estão sendo feitas na Rua Coimbra para ali construir as indispensaveis retretes de que a cidade carece, a seguinte carta:

... *Sr. Arnaldo Ribeiro*

Não sou morador da Rua Coimbra nem lá tenho predios.

Como vê, não sou suspeito, por essas razões, sobre quanto penso a respeito da construção ali das retretes publicas, mas não impede essa circunstancia que manifeste toda a minha reprovação sobre a escolha do local para tal fim.

Concordo absolutamente em principio com a satisfação dessa necessidade, mas nunca escolher tal ponto quando ha tantos da mesma fórma centraes, e nas melhores condições. Tinha a Câmara a casa onde está actualmedte a Companhia de Bombeiros Guilherme Gomes Fernandes, que é sua propriedade, podendo-a com pequenissima despeza acomodar ao fim desejado, e ficando ainda o andar superior para moradia ou o quer que fôsse dos encarregados da limpeza e fiscalisação. Tinha a rua da Corredoura que desde o principio até á entrada para o cemiterio muito logar tem para ser escolhido com vantagem para essa construção, não falando no projecto e respectivo orçamento que na Câmara existe para serem edificadas essas retretes no Côjo, ao lado nascente do mercado. Central tambem ficaria a construção do lado oposto ao agora escolhido e até,demolindo os casebres que ali existem, fazer-se a cousa com geito e decencia.

Pelo seu jornal vi que foi apresentada uma reclamação dos proprietarios e moradores da indicada rua de que resultou a nomeação duma comissão para dar o seu parecer.

Seria logico que se esperasse tal opinião, levando os trabalhos até ao ponto de, em caso de reprovação, poder-se aplicar o que estivesse feito a qualquer outro fim. Não sucede, porêm, isso. O trabalho continua, fazendo-se uma buraqueira profunda e a comissão não entregou ainda o seu parecer, que, sob todos os pontos de vista, não póde deixar de ser a condemnação formal do projecto que por parte dos seus infelizes autores só encontra o *formidavel* e *irrespondivel* argumento: *no Porto tambem as ha nos logares mais publicos!!!* E ninguem os demove disto. Contudo o Porto não é Aveiro, caíndo o disparatado argumento em face dos protestos levantados pelos moradores da rua que de fórma alguma querem ficar sugeitos ao indecoroso espectaculo que a Câmara pensou em proporcionar-lhes.

Nada. Compreenda quem deve que o local não podia ter sido peor escolhido. Outro sitio, e todos nós aplaudiremos o progressivo melhoramento.

Se v. julgar que merecem a inserção no seu jornal estas considerações sobre o caso, muito lhe agradece o que é

amigo e obg.º

Aveiro, 2—1.º—917.

Um assinante

Pela nossa parte a opinião que aqui expendemos sobre o assunto continua a ser a mesma: havendo, como ha, outros locaes centralisados onde as retretes possam ser construidas e até mais economicamente, talvez, poupe-se a Rua Coimbra que mais direito tem a ser aumentada com dois estabelecimentos do que com a obra, embora decente, que lá querem construir.

Pois não é assim?

ACUDINDO

Noticiam de Lisboa:

Afim de resolver até certo ponto a questão de subsistencias no seu distrito, o governador civil de Aveiro mostrou ao ministro do trabalho a conveniencia de ser nomeado um delegado daquele governo civil afim de conseguir que os produtores do distrito deem uma nota da produção do milho, arroz, etc., sendo-lhes prorogado o praso para entregar as respectivas senhas.

Bem haja o snr. Eugenio Ribeiro que encontrou solução facil para continuar a garantir ao seu subordinado Acacio Rosa os 15 escudos *flutuantes* que era uma pena perder, mórmente nesta ocasião.

Querem-nos mais completos?

Pela imprensa

"A Montanha,,

Vem muito interessante o numero do Natal da *Montanha para as crianças* em que o lapis do conhecido caricaturista Manuel Monterroso mais uma vez brilha numa alegria a côres, em tudo digna da sua compleição artistica e vastos recursos intelectuaes.

A *Montanha para as crianças*, que d'ora em deante se venderá ao preço minimo de 1 cent., tornou-se o jornal predilecto da pequenada, que tambem lhe chama a *Montaninha*, e por isso de supôr é que entre ela continue a ter a larga aceitação de sempre para firmeza das suas prosperidades que tanto lhe desejâmos.

— Em virtude da deliberação recente das comissões democraticas, suspendeu a publicação o semanario *Leiria Ilustrada* de que eram director o deputado Gaudencio de Campos e redactores os cidadãos Joaquim Nicolau Ferreira e Marcos Mendes Mélo.

"Portugal Moderno,,

Chegam-nos vários numeros de este periodico que ha um ano se publica em Buenos Aires e ali é orgão da colonia portuguêsa, a que presta um valioso auxilio digno de todo o elogio. Dirige-o o sr. Teofilo Carinhas, rapaz novo, muito activo e empreendedor, como facilmente se avalia pelos exemplares que temos á vista, profusamente ilustrados, com optima colaboração e soberbo papel, coisa rara, hoje, entre nós, apezar do preço elevadissimo que tem no mercado, destacando-se, todavia, aquele em que é prestada homenagem á Republica Portuguêsa no dia do seu aniversario e que, sem contestação, representa o acendrado patriotismo dos que lá fóra honram o seu país, dignificando-se e dignificando-o por fórma tão brilhante.

A Teofilo Carinhas, cujos méritos se afirmam no *Portugal Moderno* por fórma a vêrmos nele um valioso propagandista deste belo rincão *á beira mar plantado* e acerrimo defensor das novas instituições, mil agradecimentos pelo envio do seu excelente semanario, com o qual gostosamente vamos estabelecer permuta, apetecendo-lhe vida desafogada e quanto possivel livre de escolhos.

"A Verdade,,

E' o titulo dum novo bi-semanario que em Lisboa principiou a publicar-se, tendo por director o sr. Higino Assumpção.

Diz-se independente e propõe-se ser o porta voz dos descontentes fóra o resto que a censura lhe não permitiu dizer.

Saudamo-lo.

Politica distrital

...*Sr. Redactor de* O Democrata

Ha tempos estranhou o meu amigo não vêr em o jornal *A Razão* o relato de uma reunião de politicos graduados levada a efeito nessa cidade.

Nessa reunião acentuou-se o descontentamento e desanimo que lavra no seio do Partido Republicano Português, no distrito, descontentamento e desanimo provocados pelo *abandono* ou *esquecimento* a que foram votados os correligionarios de diferentes concelhos, *contrapondo-lhes* a protecção que dispensam á talassaria, em detrimento das suas pretenções e até do seu prestigio.

Em Macieira de Cambra sabemos nós, que o partido democratico está em *risco* de desaparecer! Os motivos virão a lume a seu tempo, e talvez muito em bréve...

Este partido é o unico republicano que existe neste concelho, e o mais forte. O resto é tudo talassaria, como sabe, e, decerto não sabe, bem protegida nos *altos perinéus* da *União Sagrada*, para honra e gloria dos chefes democraticos do distrito de Aveiro.

Estamos convencidissimos que acontecimentos politicos importantes se darão por estes dias em Cambra. Julgo poder dizer ao meu amigo que neste particular *bebo do fino*...

Consta-nos que o telegrafo já reteniu e que os prélos vão gemer...

Aqui tem o meu amigo uma noticia de sensação para dar aos seus leitores, fresquinha e em folha.

Os monarquicos bem dizem que isto é um desfazer de feira...

Um desiludido

Não nos dá novidade nenhuma o *desiludido* do que se passa na politica distrital porque, ainda que pareça que não, tudo sabemos apezar do misterio em que os dirigentes do P. R. P. envolvem sempre os seus actos quando tratam nos conciliabulos secretos de desprestigiar a Republica, pondo em cheque a propria dignidade.

O que vai por Macieira de Cambra é o mesmo que acontece em Aveiro, em Oliveira de Azemeis, na Anadia, emfim, nos concelhos quasi todos, onde o desânimo dos republicanos é geral e cada vez mais acentuado o seu retraímento.

Não querem os dirigentes acredita-lo? Veremos então quem é que se ilude. E isso não hade tardar muito, *se Deus quizer*...

Socorros a naufragos

A comissão local de Socorros a Naufragos, na sua ultima sessão do ano findo, tomou diversas resoluções, que, posteriormente submetidas á sanção da Comissão Central, foram unanimemente aprovadas.

Dos ultimos tres naufragios ocorridos dentro dos limites da jurisdição daquela comissão havia reclamações a atender e recompensas a estabelecer. Assim, a proposito do naufragio do vapor *Desertas*, ocorrido na praia da Costa Nova, foi conferida a medalha de prata ao cabo de mar sr. Jeremias Vicente Ferreira, pois se não fôsse a sua intervenção desde o inicio da catastrofe até ao ultimo auxilio prestado na segurança e prontidão no salvamento dos naufragos, teriam estes pago com a vida o aflitivo dilêma em que se viram, independente dos cuidados e providencias tomadas pelo mesmo cabo, conforme as exigencias resultantes do lamentavel acontecimento.

Aos trabalhadores, auxiliares na salvação e mais serviços prestados aos naufragos, Manuel Carlos, Miguel José Evangelho, João Bernardo Evangelho, Francisco Gafanhão, Cirino da Rocha, Herminio Rodrigues Romão, Emilio Soares Magaminho e Americo Jesus Costa foram conferidos diplomas de louvor; a Manuel José Igreja, José Joaquim Nêno, Antonio Jorge, Filipe do O' Tanoeiro, João Caçoilo, Joaquim Tartaruga, Ricardo Maluco, João Lopes, Francisco Roque, Manuel Cabreiro e Manuel João fôram abonados dois escudos a cada.

Relativamente ao naufragio do patacho *Gouveia* foram concedidas as seguintes pensões: a Rosa de Jesus, viuva de Manuel Russo, 10 escudos por uma só vez; a Maria de Jesus, viuva de Manuel da Rocha Deus, capitão do patacho, 24 escudos parcelados por 12 mezes; a Maria de Jesus, viuva de José dos Santos Bizarro, com filhos e que ficou gravida, 72 escudos parcelados por 24 mezes; a Maria Borges de Almeida, viuva de Manuel Simões Ré, 24 escudos parcelados por 12 mezes e aos sobreviventes Manuel Joaquim Rufino e Ramiro Nunes Ramizote, 15 escudos a cada um como remuneração pela perda total dos seus haveres.

A Felisberto dos Santos Guedes, maritimo, de Ovar, que encontrou arrolados na praia tres cadaveres dos tripulantes do referido patacho, aos quaes dispensou piedosamente todas as homenagens, velando-os até que foram dados á sepultura, 8 escudos. As despezas com os funeraes foram feitas por o cofre da comissão de socorros.

Respeitante ao naufragio da Costa de S. Jacinto, ocorrido no dia 24 de outubro, em que se perdeu um barco da companha *Jesus do Norte*, foram contemplados por verdadeiros actos de heroismo Jacinto Ramos, da Gafanha, arrais da companha *S. Salvador*, com 10 escudos e medalha de cobre de salvação e Domingos José Rebelo e Carlos Alberto, ambos da Murtosa, com medalha de cobre.

As viuvas das vitimas deste naufragio foram assim contempladas: Joaquina Rosa de Jesus, a *Casqueira*, Maria de Jesus Mateira e Rosaria Maria, todas da Gafanha, bem como Ventura José Rebelo, pai dum dos naufragos, 12 escudos por uma só vez; a Manuel Pedro, da Gafanha, 6 escudos por uma só vez e a Matilde Carvalho, da Gafanha, 24 escudos parcelados durante 12 mezes.

A maior parte da distribuição destes auxilios está já feita, tendo eles sem duvida amenisado a dureza da situação que a morte de tantos infelizes estabeleceu nos lares já minguados das desoladas familias.

Bem haja o estabelecimento de taes socorros e a justa e boa aplicação que deles se fizeram.

A "IGUALDADE,,

Na séde desta associação de socorros mutuos, em Lisboa, e que tão elevado numero de associados já conta nesta cidade, (devido ás inumeras garantias que lhes oferece, realisou-se ha dias a eleição dos corpos gerentes para o corrente ano, a qual deu o seguinte resultado:

Assembleia geral

Presidente, José Bastos; *vice-presidente*, Henrique José da Ponte; *1.º secretario*, Joaquim Maria Ferreira Veiga; *2.º dito*, Joaquim Antonio Bragança; *vice 1.º secretario*, Alfredo Vieira; *vice 2.º secretario*, Luiz Feliciano Branquinho; *delegado ao Conselho Regional*, Antonio Luiz Damasio.

Direcção

Presidente, Caetano José da Costa; *secretario*, Antonio da Silva Coelho Lima; *tesoureiro*, Manuel Rodrigues Correia; *1.º vogal*, Manuel José Rodrigues; *2.º vogal*, Joaquim Pedro; *suplentes*, José Bastos Domingues e Antonio Dias Leite.

Conselho Fiscal

Presidente, Antonio Moreira Serpa; *secretario*, Antonio de Almeida; *relator*, José Rodrigues Fernandes; *suplentes*, Antonio Graciano Marques e Antonio Diogo de Almeida.

Previsões

A célebre pitonisa parisiense, Madame de Thébes, numa entrevista concedida a um jornalista de Paris, nos principios do mez findo, deu-lhe conta das suas previsões para o ano de 1917, começando por dizer:

Quem foi que falou da guerra, muito tempo antes da catastrofe, com tanta precisão como eu? Enganei-me ao afirmar que 1916 seria um ano nebuloso, querendo com isso dizer que coisa alguma decisiva ele traria? Enganei-me ao anunciar para este ano a morte do imperador da Austria? Enganei-me, quando disse que a Alemanha, no decorrer deste ano de 1916, sofreria de gráves divergencias internas, de mizeria, revoltas e morticinios?

E dito isto, *madame* de Thébes acrescentou:

Quando acabará a guerra? Salvo uma derrocada subita do poderio inimigo, derrocada produzida por embaraços económicos, mizeria e fóme, a guerra deve acabar nos ultimos dias da primavera ou principios do verão de 1917. E quem será o vencedor? A Entente, sem duvida.

E ainda:

Não haverá mais Alemanha, mas sim alemães e os Hohenzollern desaparecerão. E o seu chefe (o kaiser) terá desaparecido ou encontrar-se-á em estado de plena inconsciencia, quando chegar a hora da derrota e a sua familia encontrar-se-á destruida. O alto pessoal prussiano expiará, pelo suicidio, pelo assassinato e pela ruina, os inumeros crimes a que os seus imoderados apetites o teem levado.

Vejo a Austria dividida, separada da Hungria e os seus soberanos votados ao esquecimento. Vejo a Turquia posta fóra da Europa. Quanto ao traidor por excelencia, Fernando da Bulgaria, a sua vida está muito ameaçada. Sim, muito ameaçada. A França, a Inglaterra e a Russia serão cercadas de gloria e a Belgica tambem voltará a viver nobres dias. E ela que era a pequena Belgica será a grande Belgica.

Mas teremos que chorar nela uma alma magnifica e isso muito empanará a alegria da sua libertação.

Eis o que *madame* de Thébes profetisa para o ano corrente, mas do que não póde ser testemunha visto que a morte a arrebatou no dia 24 do ano que já lá vai, conforme nos disse o telegrafo.

Esse facto é que ela não previu, com certêsa.

A famosa adivinhadora chamava-se Ana Vitória Savimny. Quando era joven foi atriz; mas, como o palco não lhe oferecia o porvir que ela ambicionava, retirou-se do teatro e começou a explorar a credulidade humana.

A sua amizade com politicos e diplomatas permitia-lhe estar na posse de alguns segredos de chancelaria; e graças a isto predisse certos acontecimentos que se realisaram.

A sua fama tornou-se mundial; e, embora a maioria das pessoas se risse das suas predições, o certo é que á sua casa acudiam milhares delas. Deste modo conseguiu juntar enorme fortuna.

Contava 72 anos de idade e escreveu várias obras que se popularisaram em França e noutros países.

"Historia da Guerra Europeia,,

O tomo n.º 32 desta interessante publicação com o *diário da guerra* desde 1 a 30 de maio de 1916 foi ultimamente posto á venda e insere as seguintes gravuras: estado em que ficou um dos bairros centraes de Dublín onde os revoltosos se entrincheiraram depois do bombardeio das tropas fieis; o aspecto do edificio Liberty-Hall depois do fogo da artilharia que combatia os revoltosos ali entrincheirados; uma vista do acampamento inglez de Anzac, antes de ser evacuado e um aspecto dos exercicios de cavalaria portugueza em Tancos.

Nas livrarias ou então á *Casa Gonçalves*, rua do Mundo, 14, Lisboa, que louvavelmente tomou a iniciativa da edição, pódem ser dirigidas todas as encomendas da magnifica obra, cujo tomo custa a modica quantia de 5 cent. ou sejam 50 reis da moeda antiga.

* * *

A mesma activa e conhecidissima casa editora Gonçalves, sempre laboriosa e procurando difundir a instrução e a educação, abordando todas as fórmas dos conhecimentos humanos, acaba de tomar outra explendida iniciativa, publicando uma série de *Manuais Desportivos e de Recreio*, destinados a desenvolver entre nós o gosto pela cultura fisica, o culto da beleza plastica, o amor pelo exercicio ginastico:

Numa edição popular, ao preço de 15 centávos cada manual, condensando em poucas páginas toda a materia referente ao desporto, em volumes de 64 paginas é destinado á descrição de uma especialidade, separadamente, como: *Defeza Individual.* -- *Foot-Bal.* — *Box francês e inglês.* — *Lucta Greco-romana.* — *Atletismo.* — *Esgrima e varapáu.* — *Ciclismo.* — *Bilhar.* — *Desportos pedestres. Automobilismo*, etc., etc.

Resumos elucidativos e intuitivos, escritos para todas as camadas sociaes, são no seu caracter compendial e formato portatil como que o *vade mecum* do amador de desportos e de todos os que se interessam pela cultura fisica. A doutrina expendida nesta bibliotéca é coordenada dos mais perfeitos trabalhos no género que existem em inglês, francês, etc.

Recomendâmo-los tambem.

Documentos historicos

———(*)———

A nota do presidente Wilson sobre a paz e a resposta dos aliados

Estando por assim dizer na tela da discussão a nota diplomatica dirigida aos paises beligerantes na guerra que se ateou na Europa vai para tres anos, a proposito da paz, pelo presidente Wilson dos E. U. da America, achâmos de toda a oportunidade não só a reprodução do famoso documento, que tanta retumbancia teve em todo o mundo, como a altiva resposta dos aliados entregue no dia 30 de dezembro em Paris ao embaixador da grande nação Norte Americana, e pela qual se conclue que a paz hade ser feita mas sob condições que não sejam humilhantes nem para os paises que lutam pelo Direito e pela Justiça, nem para quantos teem levado o seu esforço, para honra das nações que representam, ao ultimo dos sacrificios.

Eis, pois, o primeiro documento conhecido pela *nota de Wilson*:

O presidente dos Estados-Unidos encarregou-me de sugerir ao govêrno francês um plano de acção referente á presente guerra. Espera que o govêrno francês o tomará em consideração como sugerido pelo espirito mais amigavel e como vindo não só de um amigo mas tambem de um representante de uma nação neutra, cujos interesses foram sériamente afectados pela guerra e cuja preocupação pela sua terminação rapida resulta de uma necessidade manifesta de determinar os meios de salvaguardar, pelo melhor, os ditos interesses se é que a guerra tem de continuar.

Ha muito tempo que o presidente pensou em fazer a sugestão que estou encarregado de apresentar. O sr. Wilson sente-se um pouco embaraçado por a oferecer no momento presente, porque ela póde parecer ter hoje sido precipitada pelas recentes negociações das potencias centrais. De facto ela não está associada, de nenhuma maneira com elas na sua origem, e o presidente teria retardado a sua oferta até que as entabolações das potencias centrais tivéssem recebido resposta, se não fôsse o facto de que a sua sugestão é tambem respeitante á questão da paz e póde ser melhor examinada em relação com outras propostas que teem o mesmo objectivo. O presidente não póde fazer mais do que pedir que a sua sugestão seja julgada pelos seus proprios meritos e como se ela tivésse sido feita em outras circunstancias.

O presidente lembra que se procure proximamente uma ocasião para pedir a todas as nações actualmente em guerra uma declaração publica das suas maneiras de vêr quanto ás condições pelas quais a guerra podia terminar e quanto ás combinações consideradas como satisfatorias, contanto que constituam garantias contra o reaparecimento ou o desencadeamento, no futuro, de um conflito similar, a fim de poder comparar o conjuncto na fraqueza das suas declarações.

O sr. Wilson é indiferente quanto aos meios de realisar o que precede. Sentir-se-ía feliz de ajudar á sua realisação ou mesmo de tomar a iniciativa a este respeito de qualquer maneira que possa parecer aceitavel; mas não tem o desejo de fixar nem os métodos nem os meios. Qualquer maneira de proceder lhe parecerá aceitavel, comtanto que o grande fim que ele procura alcançar seja atingido.

Toma a liberdade de chamar a atenção para o facto de que os objectivos que os homens de Estado beligerantes de ambos os lados teem em vista nesta guerra são virtualmente os mesmos, conforme com as declarações que foram feitas em termos genericos aos seus proprios povos e ao mundo. De cada lado desejou-se defender os direitos e os privilegios dos povos fracos para que ficassem tão assegurados contra as agressões ou renegações da justiça no futuro como os direitos e privilegios dos Estados grandes e poderosos, actualmente em guerra.

Todos desejam ser garantidos no futuro, ainda como todos os outros povos e nações, contra a volta de guerras semelhantes a esta e contra a opressão ou intervenções egoistas de todas as especies. Todos desconfiariam da formação de toda a especie de liga nova para manter uma balança incerta de poder, origem de multiplas suspeitas; mas todos estão prontos a encarar a formação de uma liga das nações para assegurar a paz e a justiça atravez do mundo inteiro.

Antes que, todavía, o objectivo final possa ser realisado, cada um considera em primeiro logar como necessario regular os fins da presente guerra, em termos que salvaguardem de uma maneira nitida a independencia territorial e a liberdade politica e economica das nações implicadas.

O povo e o govêrno dos Estados-Unidos são interessados nas medidas a tomar para assegurar a paz futura do mundo de uma maneira tão vital e tão directa como os govêrnos actualmente em guerra. Além disso, o seu interesse nos meios a adoptar para libertar no mundo os povos mais pequenos e mais fracos do perigo da injustiça e da violencia é tão forte como o de qualquer outro povo ou govêrno. Estão prontos e mesmo impacientes por cooperar na consecução desses fins quando a guerra terminar, e isso com toda a influencia e com todos os recursos de que dispõem. Mas é preciso primeiramente que a guerra acabe.

Quanto ás condições em que isto é possivel, os Estados-Unidos não teem a liberdade de as sugerir; mas o presidente Wilson tem a convicção de que é do seu direito e do seu dever pôr em destaque o interesse profundo na União pela sua terminação, receando que não venha a ser muito tarde para realisar as coisas maiores que dependem dessa terminação, receando que a situação das nações neutras, hoje extremamente dura de suportar, não se torne totalmente intoleravel sobretudo receando que venha á civilisação um prejuizo que não seja possivel nunca ser reparado.

O presidente acha-se, por consequencia, com autoridade para sugerir uma ocasião imediata, para fazer a comparação dos pontos de vista, respeitantes ás condições que devem proceder essas ultimas combinações para a paz do mundo, que todos desejam e nas quais as nações neutras, tanto como as beligerantes, desempenham um papel plenamente responsavel. Se a luta tem de continuar para fins indefinidos através de uma lenta agonia até que um ou outro dos grupos esteja esgotado; se milhões e milhões de vidas humanas teem de continuar a ser oferecidas em holocausto até que um dos dois grupos não tenha mais para oferecer; se teem de ser suscitados ressentimentos que não possam nunca ser apaziguados e teem de se gerar desesperos de que se não possa resurgir, as esperanças de paz e de um concêrto de bôas vontades dos povos livres serão vãs e irrealisaveis.

A vida do mundo inteiro foi profundamente afectada.

Cada parte da grande familia humana tem sentido o peso e o terror deste conflito armado, sem precedente. Nenhuma nação do mundo civilisado se póde dizer verdadeiramente ao abrigo da sua influencia ou em segurança contra as perturbações que são suas consequencias. E, todavía, o objectivo concreto pelo qual se travou o conflito nunca foi claramente enunciado.

Os dirigentes dos diferentes beligerantes, como fica dito, enunciaram esses fins em termos gerais. Mas, formulados em termos gerais, esses objectivos parecem os mesmos dos dois lados. Até agora, os arautos autorisados de cada lado não confessaram nunca os fins precisos, que se fôssem realisados, os convenceriam, assim como aos seus povos, de que a guerra tinha atingido o seu fim. O mundo ficou reduzido a conjecturas quanto ao resultado definitivo, ás compensações actuais de garantias, ás modificações e delimitações territoriaes, ao proprio gráu dos sucessos militares que levariam a guerra a terminar.

E' possivel que a paz esteja mais proxima do que nós supômos; é possivel que as condições sobre as quais os beligerantes de um lado ou do outro se julgassem obrigados a insistir não sejam tão inconciliaveis como se poderia recear, que uma troca de impressões possa ao menos preparar as vias para uma conferencia e fazer da concordia permanente das nações uma esperança do futuro imediato e tornar imediatamente praticavel um entendimento das nações.

O presidente Wilson não propõe a paz, não oferece sequer a mediação. Propõe sómente que se façam sondagens a fim de que possamos saber, tanto os neutros como os beligerantes, a que distancia se póde encontrar ainda o porto da paz para o qual tende toda a humanidade numa aspiração imensa e crescente. O presidente crê que o espirito em que fala e o fim que pretende alcançar serão ouvidos por todos os interessados, e exprime, com toda a confiança, a sua esperança de uma resposta que trará uma nova claridade aos negocios do mundo.

A resposta:

Os governos aliados, da Belgica, da França, da Gran-Bretanha, da Italia, do Japão, do Montenegro, de Portugal, da Romenia, da Russia e da Servia, unidos para a defêsa da liberdade dos povos e fieis ao compromisso tomado de não depôrem isoladamente as armas, resolveram responder coletivamente ás pretensas propostas de paz que lhes foram dirigidas por parte dos governos inimigos, por intermedio dos Estados Unidos, da Hespanha, da Suissa e dos Paizes Baixos.

Antes de qualquer resposta, ás potencias aliadas cumpre-lhes levantar-se altamente contra as duas asserções essenciais da nota das potencias inimigas, que pretende lançar sobre as po-

tencias aliadas a responsabilidade da guerra, e que proclama a vitória das potencias centrais: os aliados não pódem admitir uma afirmação inexacta e que basta para ferir de esterilidade toda e qualquer tentativa de negociação.

As nações aliadas sofrem ha 30 mezes uma guerra, para evitar a qual tudo fizeram, demonstrando por actos a sua dedicação á paz; esta dedicação é tão firme hoje como era em 1914.

Depois da violação dos seus compromissos, não é sobre a palavra da Alemanha que a paz, rôta por ela, póde fundar-se. Uma sugestão sem condições para a abertura de negociações, não é um oferecimento de paz. A pretendida proposta, desprovida de substancia e de precisão, posta em circulação pelo governo imperial, aparece menos como uma oferta de paz do que como uma manobra de guerra. E' baseada no desconhecimento sistematico do caracter da luta no passado, no presente e no futuro.

Quanto ao passado, a nota alemã ignora os factos, as datas, os algarismos que provam que a guerra foi desejada, provocada e declarada pela Alemanha e a Austria-Hungria.

Na Haia foi o delegado alemão quem rejeitou qualquer proposta de desarmamento; em julho de 1914 foi a Austria-Hungria quem, depois de ter dirigido á Servia um *ultimatum* sem precedentes, lhe declarou guerra, não obstante as satisfações imediatamente obtidas. Os imperios centraes repeliram então todas as tentativas feitas pela *Entente* para assegurar a um conflito local uma solução pacifica. O oferecimento de uma conferencia pela Inglaterra, a proposta francêsa da comissão internacional, o pedido de arbitragem do imperador da Russia ao imperador da Alemanha, a *Entente* realisada entre a Russia e a Austria-Hungria na vespera do conflito, todos êstes esforços foram deixados pela Alemanha sem resposta e sem seguimento.

A Belgica foi invadida por um imperio que tinha garantido a sua neutralidade e que não se arreciou de proclamar ele mesmo que os tratados eram *farrapos de papel* e que a *necessidade não tem lei*.

Pelo que respeita ao presente, as pretendidas ofertas da Alemanha apoiamse num mapa da guerra unicamente europeu, que não exprime mais do que a aparencia exterior e passageira da situação, não a força real dos adversarios. Uma paz concluida, partindo destes dados, seria em vantagem exclusiva dos agressores, que, tendo julgado atingir o seu fim em dois mezes, descobrem ao fim de dois anos que não o atingirão nunca.

Quanto ao futuro, as ruinas causadas pela declaração de guerra alemã, os atentados inumeraveis cometidos pela Alemanha e os seus aliados contra os beligerantes e contra os neutros exigem sanções, reparações e garantias; a Alemanha ilude umas e outras.

Na realidade, a abertura feita pelas potencias centraes não é mais do que uma tentativa calculada, com o fim de agir sobre a evolução da guerra e de impôr, finalmente, uma paz alemã.

Ela tem por objecto perturbar a opinião nos países aliados; esta opinião, não obstante os sacrificios consentidos, já respondeu com uma firmeza admiravel e denuncía o vasio da declaração inimiga. Quer robustecer a opinião publica da Alemanha e dos seus aliados, tão gravemente experimentados já pelas suas perdas, gastos pelo aperto económico e esmagados pelo esforço supremo que dos seus povos se exige. Procura enganar, intimidar a opinião publica dos paizes neutros, fixa-la desde muito tempo nas responsabilidades iniciaes, esclarecidas sobre as responsabilidades presentes e clarividente de mais para favorecer os desígnios da Alemanha, abandonando a defeza das liberdades humanas. Tende, enfim, a justificar antecipadamente, aos olhos do mundo, novos crimes: guerra submarina, deportações, trabalhos e alistamentos forçados de nacionais contra o seu proprio país, violações de neutralidade.

E' na plena consciencia da gravidade, mas tambem das necessidades desta hora, que os governos aliados, estreitamente unidos entre si e em perfeita comunhão com os seus povos, se recusam a tomar conhecimento de uma proposta sem sinceridade e sem alcance. Afirmam uma vez mais que não ha paz possivel enquanto não forem asseguradas a reparação dos direitos e das liberdades violadas, o reconhecimento do principio das nacionalidades e da livre existencia dos pequenos Estados; emquanto não fôr garantido um regulamento de natureza a suprimir definitivamente as causas que ha tanto tempo teem ameaçado as nações e a dar as unicas garantias eficazes para a segurança do mundo.

Cumpre ás potencias aliadas, terminando, expôrem as considerações seguintes, que fazem realçar a situação particular em que se encontra a Belgica, depois de 2 anos e meio de guerra:

Em virtude dos tratados internacionaes assinados pelas cinco grandes potencias da Europa, no numero das quaes figurava a Alemanha, a Belgica gosava, antes da guerra, de um estatuto especial, que tornava o seu territorio inviolavel e a colocava sob a garantia das potencias, ao abrigo dos conflitos europeus. Todavia, com menosprezo dos tratados, a Belgica foi a primeira a sofrer a agressão da Alemanha. Eis porque o governo belga julga necessario precisar o fim que a Belgica nunca deixou de proseguir, combatendo ao lado das potencias da *Entente* pela causa do direito e da justiça.

A Belgica sempre observou escrupulosamente os deveres que lhe impunha a sua neutralidade. Pegou em armas para defender a sua independencia e a sua neutralidade violada pela Alemanha e para permanecer fiel ás suas obrigações internacionaes. No dia 4 de agosto, no Reichstag, o chanceler reconheceu que esta agressão constituia uma injustiça contraria ao direito das gentes, e, em nome da Alemanha, comprometeu-se a repara-la.

Ha dois anos e meio que esta injustiça tem sido cruelmente agravada pela pratica da guerra e de ocupações que exgotaram os recursos do país, arruinaram as suas industrias, devastaram as suas cidades e as suas aldeias, multiplicaram os massacres, as execuções e as prisões. E no momento em que a Alemanha fala ao mundo em paz e humanidade, deporta e reduz á escravidão cidadãos belgas aos milhares.

Antes da guerra, a Belgica não aspirava senão a viver em bom acôrdo com todos os seus visinhos. O seu rei e o seu governo não teem mais do que um fim: o restabelecimento da paz e do direito. Mas querem só uma paz apta a assegurar ao seu país reparações legitimas, garantias e seguranças no futuro.

Professores do liceu

Na folha oficial veio a nomeação dos srs. José da Costa Abrunhosa, Alfredo Barjona de Freitas e Henrique Baptista da Silva para professores provisorios de sciencias do liceu de Aveiro e bem assim a do sr. Alfredo Henriques para porteiro do mesmo, ficando deste modo completo o quadro a que obriga a nova categoría do nosso primeiro estabelecimento de ensino.

Necrología

Ao cabo de doloroso e prolongado sofrimento, faleceu nesta cidade a esposa do conceituado mestre de obras da câmara, snr. Manuel Tavares Barbosa e mãe do sr. Carlos Barbosa, grafico, a quem por esse motivo enviâmes sentidas condolencias.

* * *

Tambem no fim da ultima semana deixou de existir a esposa do negociante sr. Francisco Antonio Meireles, que até ao dia em que caíra extenuada pelo cansaço fôra a enfermeira desvelada de tres filhos atacados por uma pertinaz doença.

Simplesmente lamentavel.

* * *

Uma carta recebida de South Braintree, E. U. da America, dános conta de ter falecido a 11 de dezembro, pelas 5 horas, no hospital de Northampton, em Boston, um nosso conterraneo, de 22 anos, Antonio Ferreira Patacão, filho do sr. Francisco Rodrigues da Paula, que para lá tinha seguido com outros no verão passado afim de ganhar a vida.

Ao enterro, que constituiu uma imponente demonstração de estima, apresentou-se a colonia aveirense com uma rica corôa de flôres artificiaes adquirida por subscrição, sendo o corpo encomendado na igreja portuguêsa antes de seguir para o cemiterio de Forest Hillo-ande, onde baixou á sepultura. O ataúde, coberto com a nossa bandeira nacional e a americana, atravessou as ruas da cidade no meio do respeito da população, sendo geralmente notada a compostura de todos os nossos patricios que em elevado numero acorreram a prestar as ultimas homenagens ao infeliz companheiro, porventura amigo e inolvidavel concidadão.

* * *

A' hora de fecharmos o jornal transmitem-nos a triste nova de ter expirado em Ovar, a mãe do snr. Francisco Marques da Silva, esclarecido escrivão-notario com residencia nesta cidade.

Acompanhâmo-lo no seu justo sentimento.

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 26 de Dezembro

Ainda se fala na passagem dos dois submarinos alemães a tres milhas da barra de Aveiro. Até já havia quem desconfiasse de que os submarinos queriam bombardear o farol e a cidade.

=E' grande a cheia do rio Vouga.

=Já se recebeu telegrama da chegada do sr. dr. Alberto Lemos a S. Tomé, onde exerce as funções de juiz de Direito.

=A passar o Natal com sua familia está para o Porto o sr. Manuel Maria Amador, que regressa ámanhã a esta freguezia.

C.

Anuncios